

VISÃO

ESPAÑA, CATALUNHA E OS TOUROS

por Mário Soares

1. Passou um pouco despercebida a notícia da proibição das touradas na Catalunha. Para quem considera as touradas como uma das características da identidade tradicional espanhola, pode parecer realmente estranha essa proibição. Contudo, é preciso compreender que desde a Constituição de 1978, que assegurou a transição do franquismo para a democracia, que a Espanha é uma “nação de várias nações” e que a diversidade das diferentes identidades – com distintas línguas – longe de enfraquecer o conjunto nacional espanhol o enriquece, como escreveram recentemente num artigo muito lúcido, no “El País”, intitulado “Sobre Catalunha e Espanha”,

Felipe Gonzalez e Carme Chacón, ex-ministra da Defesa.

A proibição dos touros na Catalunha tem a ver, julgo, com o Estatut da Catalunha não ter sido aprovado pelo Tribunal Constitucional de Espanha que, por pressão do retrógrado nacionalismo centralista espanhol, não quis reconhecer a diversidade da Espanha. O que teve como consequência natural que as autoridades e partidos catalães suscitaram diferentes formas de “guerrilha”, por enquanto pacíficas, contra o centralismo espanhol ou, talvez melhor dito, castelhano... A proibição dos touros na Catalunha terá sido talvez uma delas.

De qualquer forma, Felipe Gonzalez, com o bom senso a que nos habituou, e Carme Chacón, no mesmo diapásão, escreveram: “o nosso desafio não se limita a restituir os preceitos do Estatut, objectos que

se podem recuperar. Vai mais longe. Devemos demonstrar que os últimos trinta anos de convivência e auto-governo não foram um parêntesis, mas o início de uma nova etapa”. E adiante: “temos de tornar claro que a Constituição de 1978 foi um ponto de encontro e de partida visto que o conceito da Espanha como Nação de Nações nos fortalece a todos. Não há nenhuma razão para recusar a diversidade identitária que caracteriza a Espanha como uma nação política e cultural, não como uma mera figura jurídica (...) É um desafio em que jogamos a nossa convivência livre, democrática e em paz”. Assim é, com efeito.

Com as identidades nacionais, uma vez reconhecidas, não se deve brincar. Avança-se para uma solução federal, como há variados exemplos na União Europeia. Os nacionalismos e as soberanias agressivas do passado só nos trouxeram guerras e decadência. Sem qualquer vantagem. Vivemos hoje

num mundo em evolução acelerada. Os Nacionalismos são conceitos próprios de uma época que não tem regresso.

Em Portugal, com a nossa fortíssima identidade nacional, sabemos bem que é assim. As independências que concedemos às nossas antigas colónias, após treze anos de inúteis guerras coloniais, só nos fortaleceram. Não nos tornámos, como pensava o antigo ministro de Salazar, Franco Nogueira e tantos outros fiéis do Salazarismo, uma “província de Espanha”. Pelo contrário, criámos a CPLP, com o Brasil, país irmão, e com os novos países independentes africanos e ainda Timor. Todos adoptaram a língua portuguesa, espontaneamente, como a sua língua oficial. Entrámos, no mesmo dia do que a Espanha, há 25 anos, na então Comunidade Económica Europeia. Temos uma relação de amizade, convivência e confiança recíproca, com a nossa vizinha

Espanha, como nunca antes houve, com políticas convergentes em muitas áreas, nomeadamente com a Ibero América, a cuja Comunidade também pertencemos, com Espanha.

A Espanha como “nação de nações” – como lhe chama Felipe – a caminho, no futuro, de um estado federal, só pode prestigiar-se e fortalecer-se. Portugal como país fraterno de Espanha só pode congratular-se, com esse corajoso passo, face ao futuro.

Vau, 12 de Agosto de 2010